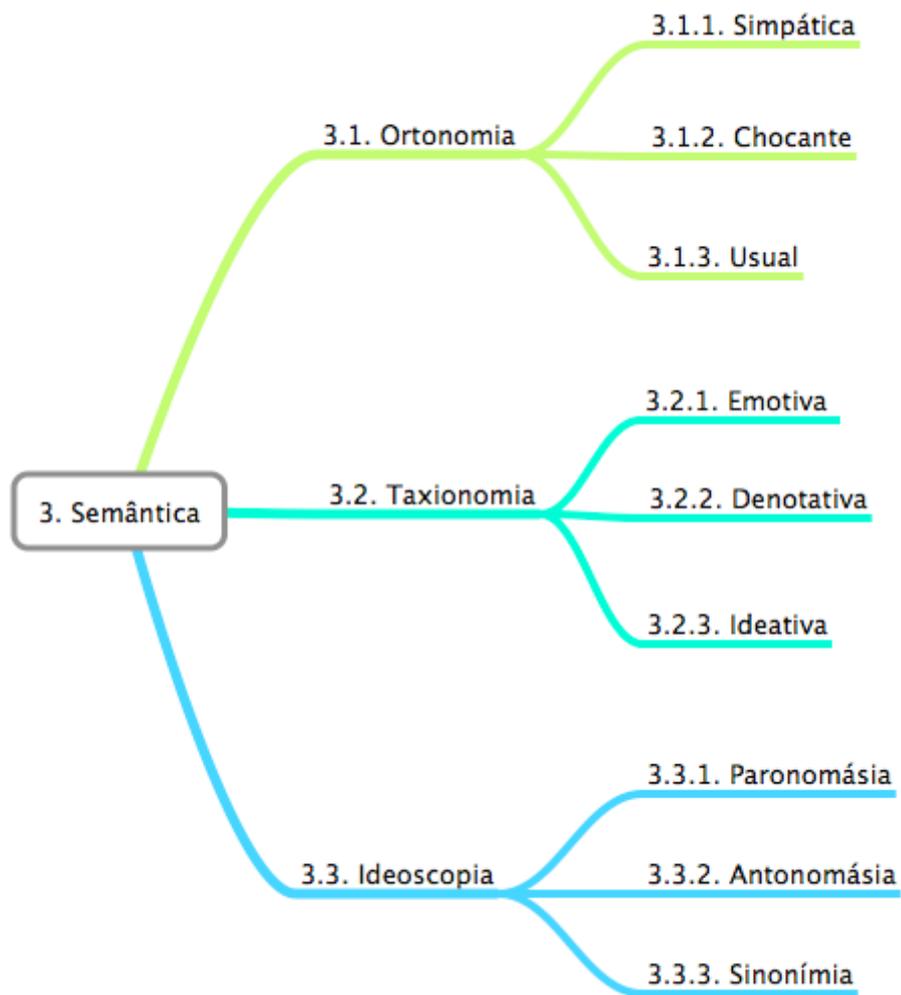


3. Esboço de uma Semântica como Semiótica

TTCATCTTTCGTCCTTATGAAAAACACAAACATGTATCTCGATTTGTCAT
CTACGAAGGTGACAAAATAGCGTGCACCTCCAACAGACGTCGTTTGTATT
GGACCACAGATGTCACTATGCACAGTACTTCATTTGTGCGATTTCCAGAG
GCTTTTGGGAAACCCTTTACACATATCTTGCTCTTTGCGCAACTCAAACA
GTCATTTTCTTTTGGGCCACTTAAATATTTTTTCTTACTGAGTACCATT
CTTGTTTGATCATTTTGTTCAGCTTGCAAAGTTTAAATGACCGAATCTC
TGGTGGCACTTTCTTATTAATTTGTTTTTAAAAAAGTCATTAAGTT
TTTAAAAATCGATCTCTCACCGCACAAATGAGCCGATGCTCCCGAATCAA
GGCACCACATATTTTTTGGCAATTCGCCAAGCTGTACAGTTGAACAGAGC
ACAGAGAATGGATTTCTCGGTATTTAAGTTTTCGCTCTCTCTATGTTCTC
CTTTCCTTTGCCTAAAGTTTACAGCTTTGTGGCCGCTGCGACCACAGATC
CAACTAAATTAGCTGTTCTTTTCCCGTTAATCAGTTGCTGATTATTTACT
TGCACACTCTTCTTAATGTCACCTTTTCGGTTTTTATTTTCGCAGACCGAAT
TCCAAATGCACCTTGTTTCGCTTTTTGCAGAATGTTCTTCATTTGTCATAC
GCCTTTGCCCTTCTCTTGTACATTTTTAATGTGGGCAACTCATTGCGCG
ATTCTATTGCAACTACGAACTTTCAAACGATTCCGGCAGGAGAATACAA
AGAACCTCTTGGATCACCAATTAGATTTATTTTAGTTTTTCGACAACCGC
ACAAAAATTGTTCTCATGACTTGAAAAAATCTGTTTCAGAGGGAGTGT
GGATTTACTAAGCCTTTGCCATGCCTCTACAGCCGTCTCACAGTTTTTT
ATATGGTTAATTTGGCTCTAGAGGTGGCTATACAGTGATAGCAGACAAC
GTATGTGTGCACACGTATGCTCATGCATTGTAAATTTGACAAAATATGCC
CTAACCTTAGAAGTTCTTAGACTTTAAATCTATATTATTTTGTCAAT
TGACACCATGCGAAAAATCTTCTTTTGCATTGGCTTTTTTAAATATCAC
GAATAAAATTAATAAAAAAAAAAATTTTTTAAATTTATGTTTAAATACAG
TAGTTATAATAATTTCTTTGTTTTGATTTAATTTAGTATATTTAT
TAAGTCATTTAACTTAATATGATGTATGTAATGATCCATTTTTATTATT
TAAATGCACATTAGATTCAGTTGTTTTTTCAGTTTCAGTTTTTTTTTGT
ACATTCAAATTTGATATTTTTAAAAAGCGCGCATTTTCATCATATTGCTA
CGAAATTTGGCCAAAACCTCCCAAATATGTAAATTCGTTTTTTAGATCAGA
ATTGATTTTCGGCAATAGTCTTTTAGCACAACACGCACACATATACCCGTT
TTCGTCTATTGCTTTTACTCACACAAACAAGCAAATCTACTTTTAGATT
TCTTACGCTCTTAGCGTAAGCGAGCGAAAAGAGAGCAATTTTGGCCGTCC
CCAAAAAAGTGGCTGCATAGTGCCAAAACCTATGTATGGCCGTTACACATC
TTGTTATTCTATTGTCTTTGGATTTTTTTAGACAAAACCATTAGTTTTT
TCGGATTTTTATATATTTACTTTATTAATATTGTATTAGGTTACAAAA
TGTACATAAGTAACATTATGCTACCTATAATGTATCTCTTAATTTGAGC
ACTTTGGTTACCACATATAAAAGATGTAATATAATATAATATAACATA
CACTATAGTTAATTCACACTGCTATAATATTGCAGTTTAAAGTAAATTTAG
TATTTTGAATAAAAAACGAGTTCTGGGATTTTTCTCCATGTTTGACAAG
TATAAGGGAGGTTATATAATAACAATTAATATTTAAAAATATAGTTAAAA
TTTGATTGTTTATACCAACGAAAAAACAATAAAGCCCAAATCAACGCA
TATCCTTAAACAAGAAAACATTATGCTCGACCTTACATTAAGAGCTCGA
CCTTGCCCATCTTGTTACGCTTCACTGCAAAGACCCATTTTGACCCAATG
GCCTTCTCACCTGCCGGCAAATCCACCAATTTTTATTTTTTTTATTTGCA
CGTAGACTCTCAACTCCTTCTGCATTGAGGTTCTCCATTCTTCAGGGTT
TCTTATGGTTAACGCCTCCTTGACGCTTCTCTGACTTCGGTGGCTTCATT
GTCTTCAGTGGATGACGCTTCTCCCTCTGAATCGTGTTGCCCGACAGACG
CAACGTCGTCAACGTGTTTATCTGACACCTGGAAAACATCATCTTGTTTC
ATACCCTCAGCAACACAGATTGGAAGATGCTGCATCTCCACAAGTTGAAC
ATCGGGAAAAGGTACTGCTTGCCCTGCCGTCATACCATCATCTGGTTCGT

[rascunho do mapa da Semântica]

própria raiz até o fim da caixa de ressonância da boca. Assim, AUM representa o inteiro fenômeno da produção sonora. Como tal, é o símbolo natural, a matriz de todos os vários sons. Ele denota toda gama e possibilidade de palavras que podem ser pronunciadas.

(VIVEKANANDA, 1956: 123-4)

Ao representar, portanto, começo, meio e fim do aparelho fonador, AUM não é um símbolo dado meramente por *convenção arbitrária* – que é como costumamos ler uma idéia de Saussure que, talvez, não tenha sido idealizada bem assim (PINTO, 1977: 61). Como explica Vivekananda, AUM, além de certamente uma convenção (como toda palavra), também é uma metáfora natural da unidade dos sons (logo, um ícone) e, além disso, uma instrução de pronúncia – como todas as letras-mantras do alfabeto sânscrito, que indicam metonimicamente a devida postura do aparelho fonador para a execução do som correto (se indica, um índice). Temos, pois, *um ícone naturalizando um índice apontando um símbolo* – três em um signo, a equilibrar de maneira notável as idéias de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade na nomenclatura proposta por Charles Sanders Peirce, idades que, aplicadas à Gramática da União, geram respectivamente as figuras-funcionais Metáfora, Metonímia e Pleonasma.

A esta altura do cultivo da semente gramatical, já podemos perceber como a função Metáfora comanda a Estilística e a função Metonímia, a Sintaxe; falta observar como a lógica do Pleonasma comandará a Semântica. Ora, a famosa "lei do menor esforço", a que os lingüistas costumam atribuir a "evolução" da língua, nada mais é que uma aplicação da lei do pleonasma: vide as transformações por que hoje passa a linguagem sob a velocidade com que se escreve na Internet, com patente valorização do teclado de língua Inglesa – portanto, abreviando tudo e traduzindo til e acentos em letras comuns:

– Vc tb n eh capaz de ler esta msg p nos?

"Você também não é capaz de ler esta mensagem para nós" porque pensa ser taquigrafia?! Entretanto, refletindo sobre a compactação das redundâncias em tal mensagem, podemos vislumbrar uma simples resposta à complicada pergunta:

– Se a linguagem evolui por simplificação, como pode ter surgido tão complexa (cheia de casos e declinações), de modo a ainda hoje termos o que simplificar?

Trata-se, como em quase toda pergunta, de algo não inocente – dedurando uma perspectiva que, embora faça perguntas, nem sempre gostaria de se abrir em busca das respostas: por trás dessa teoria da evolução, talvez haja a ferida narcísica de a ultra-modernidade não poder conceber algo mais evoluído que si mesma, daí julgando automaticamente suas transmutações lingüísticas como sendo sempre para melhor: mas basta folhear escrituras milenares, por exemplo a Bhagavad Gita, para sermos obrigados a admitir nosso caduco etnocentrismo.

A linguagem, se é que evolui, não evoluiria só pela simplificação da lei do pleonasma – pois este é apenas uma Terceiridade (3^{idade})! Antes de haver coisas “sobrando” à espera de simplificação, deve haver: novos usos reais fornecendo novos parâmetros (rapidez, por exemplo) que permitam julgar tais coisas como sobras (a partir de fatos como a Internet) e, antes mesmo destes fatos (2^{idades}), novas sínteses, eureka, devaneios (1^{idades}) – como o sonho um dia devaneado de se constituir uma aldeia global... Só então, numa terceira idade, é que se consolidam novos hábitos e se canonizam seus dicionários. Logo, dicionários são apenas a velha casca do mutante vivo chamado língua, sempre querendo devanear pelos sempre-novos momentos poéticos.

O símbolo, semente da Semântica, não se funda, portanto, numa idéia de mera convenção e total arbitrariedade, mas sobre uma idéia de função. Mais especificamente, "aquele aspecto formal que supre o mínimo necessário para a realização da função". Traduzindo estas palavras de Michael Shapiro (1983: 201), trata-se da própria lei do menor esforço, que é como propomos aqui o sentido da figura-funcional do Pleonasma: de vício de linguagem promovido à pedra angular da Semântica, a mesma pedra que condenávamos!

Shapiro foi o primeiro a publicar a busca de uma gramática embasada na Semiótica de Peirce; portanto, não deixaremos de subir na escada de seu trabalho, gentilmente construída para nos salvaguardar dos buracos que, justamente, enfrentam todos os que desejamos fazer pontes: para cimentar mais tijolos à construção, ou ajuntar mais bambus (nas técnicas ecológicas atuais), lembramos que a pragmática da comunicação humana se estrutura sobre o mesmo princípio

de redundância: "as antigas adaptações não são destruídas quando se encontram as novas" (WATZLAWICK et al, 1967: 30).

Esta última frase poderia ter sido escrita pelo mais "pós-moderno" autor, estruturando seu texto em camadas superpostas de metalinguagem, numa colagem em espiral que alguns chamam "palimpsesto". Lembremos rapidamente do DNA para notar que espiral e informação são sinônimos: a longa seqüência de letras G-A-T-C, na capa deste trabalho, representa um trechinho, desenrolado, da memória genética de uma mosca.

Resgatemos, porém, uma outra memória, muito curiosa a esta altura da evolução virtual-tecnológica: na escola, aprendemos que a teoria da seleção natural de Darwin estava certa e que a teoria da adaptação de Lamarck não passava de estultice, dal qual o aluno deveria sempre desconfiar para vencer o Vestibular: nós aprendizes achávamos graça de como o pobre Lamarck pôde pensar que a girafa teria pescoço comprido por tanto esticar-se, em busca das folhas tenras do alto, transmitindo em seguida, aos descendentes, o caractere adquirido de um pescoço cada vez maior...

Embora pueril, o raciocínio não é de todo absurdo, se considerarmos que Darwin e a teoria dos cataclismos explicam só até certo ponto a evolução (SANTAELLA, 1983: 38): Darwin, a parte da liberdade primordial (que chama de acaso e que chamamos 1idade) e a teoria dos cataclismos, a porção dos brutos fatos históricos (que chamam realidade inexorável e que chamamos 2^{idade}) – como o meteoro que provavelmente varreu os dinossauros da Terra. Contudo, se parássemos por aqui, sem qualquer 3idade, escravos do acaso e dos fatos, sem nenhum propósito, perspectiva ou tendência... como é que poderíamos falar em evolução? Em verdade, nem sequer poderíamos falar em cultura. Nem sequer falar, grunhindo caco-códigos a cada anseio de comunicação. Mas mesmo este anseio já teríamos de admitir como algo mais que acaso e fato: uma intenção...

Sem propósito, nenhum de nós moveria um dedo sequer avante. No entanto, eis aqui mais uma linha escrita – e com a intenção de que seja interpretada, isto é, com um virtual interpretante imediato (na nomenclatura semiótica).

A Pragmática, antes de virar sinônimo de "prática sem complicação teórica", foi proposta por Charles Sanders Peirce com um sentido algo distinto – tão distinto que Peirce, diante dos novos usos da palavra cunhada, decidiu substituí-la por um vocábulo tão feio, que ninguém ousaria popularizá-lo de maneira simplista, pois em verdade ninguém ousaria popularizá-lo. Onde o Pragmatismo se converteu em "Pragmaticismo", que, se o leitor passar a adotar, talvez conte finalmente com três seguidores.

O Pragmaticismo é uma conduta lógica que visa a podar especulações infrutíferas com uma simples proposta: "para desenvolver o significado [de um signo], temos simplesmente que determinar quais hábitos ele produz, pois o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos ela envolve" (PEIRCE, *EPI*: 131). Numa seqüência de ilustrações da máxima pragmatiscista, Peirce se propõe a cultivar a idéia de Força em geral:

Esta é a grande concepção que, desenvolvida na primeira parte do século XVII a partir da rudementar idéia de uma causa, e desde então continuamente aprimorada, nos mostrou como se explicam todas as mudanças de movimento que os corpos experimentam, e como havemos de pensar todos os fenômenos físicos; idéia que deu origem à ciência moderna e mudou a face do globo; e que, além dos seus usos mais específicos, interpretou um papel principal na determinação do rumo do pensamento moderno, e ainda na implementação do moderno desenvolvimento social. Vale a pena, por conseguinte, fazer alguns esforços para a compreender.

(PEIRCE, *idem*: 133)

Isto é apenas a introdução da busca pela definição, mas é já o suficiente para percebermos como, desde o início da busca, somos conduzidos por Peirce a estudar, em vez de especulâncias neológicas, as implicações reais da idéia de Força em nosso mundo – suas conseqüências diretas, a partir das quais ser derivará alguma definição.

Logo, o significado de um signo se interpreta pelas implicações deste signo, dos hábitos que ele instaura – e hábitos serão para nós sinônimos de redundância, pleonasma... Repetições instauradoras de uma identidade. E aqui voltamos, espiraladamente, ao princípio do AUM:

Aparte essas especulações, vemos que nesta palavra Om estão centradas todas as diferentes idéias religiosas da Índia; todas as várias idéias religiosas dos Vedas se ajuntaram ao redor dessa palavra. (...) Monistas, dualistas, mono-dualistas, separatistas e até ateístas tomaram este Om.

(VIVEKANANDA, 1956: 124)

O símbolo convencionou uma identidade do signo para com seu objeto: seu significado é um interpretante, que busca desenvolver realmente as tendências latentes no signo, descortinando o processo de interpretação como quem rega uma semente para ver suas implicações frutíferas. Também os profetas se reconhecem pelos frutos!

Quem se identifica com alguma coisa, é porque valoriza de algum modo essa identidade. Por isso podemos chamar interpretação e avaliação de sinônimos, como costuma fazer Shapiro (1983). Ou como implicitamente fazem quaisquer gramáticas, ao adotar suas normas ou modelos como o valor maior. Como fazem quaisquer ortografias, valorizando a uniformização com que possamos codificar e decodificar uma mensagem.

Entretanto, em se mudando os valores, as ortografias e as gramáticas mudam (ou deveriam). Logo, ao valorizar uma gramática fundada na idéia do movimento, a batalha pela interpretação correta se transforma numa dança: pois nenhuma arma poderia subjugar ou transgredir uma gramática que tem como cerne a (não)transgressão – transgredir aqui seria fechar (ao que o pseudo-transgressor mereceria sua justa jaula).

Aproveitando as cantigas medievais com que estudaremos o ballet da Semântica: "Dancemos como os Trovadores", cantando com Nietzsche o propósito de abrir os caminhos do super-homem – nada mais que o homem com um propósito, uma *semiótica*.

*

* *

**Sûtra 3. Semântica é a Semiótica da Linguagem:
Ideoscopia de Classes em busca de Ortonomia...**

Ainda que a propriedade, bem entendida, se não deva nunca transgredir, quer empregando palavras com sentidos que naturalmente lhes não competem, quer usando de modos de dizer que não são próprios da língua, ainda assim há que reparar que é legítimo violar as mais elementares regras de gramática – no estilo expositivo ou no artístico – se com isso ou a ideia ganha clareza ou firmeza, ou à frase se enriquece o seu conteúdo de sugestão. Se determinado efeito, lógico ou artístico, mais fortemente se obtém do emprego de um substantivo masculino apenso a substantivo feminino, não deve o autor hesitar em fazê-lo. Quis eu uma vez dar, em uma só frase, a ideia – pouco importa se vera ou falsa – de que Deus é simultaneamente o Criador e a Alma do mundo. Não encontrei melhor maneira de o fazer do que tornando transitivo o verbo <<ser>>; e assim dei à voz de Deus a frase:

Ó universo, eu sou-te!,

em que o transitivo da criação se consubstancia com o intransitivo da identificação. (...)

A prosódia, já alguém o disse, não é mais que função do estilo.

A linguagem fez para que nos sirvamos dela, não para que sirvamos a ela.

(PESSOA, *LP*: 72-3)

Já admiramos a forma do signo na *Estilística como Estética*; analisamos o seu encontro com o objeto na *Sintaxe como Ética*; agora, (in)concluimos este trabalho com a proposta de interpretar a impressão mental ou avaliação ou tendência ou interpretante do signo numa *Semântica como Semiótica*.

Veja-se que Fernando Pessoa não propõe o ludismo lingüístico pelo “convenciocídio”, assassinato das convenções: muito pelo contrário, defende a propriedade ou capacidade de adequação, tão em voga na lingüística atual – mas o defende a tal ponto, que, em nome da mesma propriedade, considera que uma intenção pode precisar romper com uma tradição para se deixar dizer...

Por nossa conta, dizemos que essa capacidade de adequação (não às, mas) das regras é de tal modo natural às línguas, que ela é que deveria ser estudada por uma gramática, não de gaiolas, mas de asas-passarinhas... um tratado não de como enjaular o vôo da ave-língua, mas de como entender as possibilidades de voar sempre que preciso seja... não desprezando a jaula de que se escapa, mas a agradecendo como estufa responsável por cultivar a vontade de sentir de outra maneira.

Como parte da (in)conclusão deste trabalho, apresentamos as propostas de sūtras com os quais cultivar uma Semântica como Semiótica.

*
* *

Sūtra 3.1. *Ortonomia* é a Dicionarização de Errâncias em Busca de Interpretabilidade, ou, noutros signos, a Usualidade de Choques em busca de Simpatia.

Sūtra 3.1.1. *Simpatia* é primordial: usual é uma simpática errância dicionarizada. *Simpático* é o tom exclamativo, o modo sugestivo, o devaneio ortonômico.

Sūtra 3.1.2. *Chocante* é o tom interrogativo, o modo imperativo, o erro de ortonomia.

Sūtra 3.1.3 *Usual* é o tom pontual, o modo significativo, a dicionarização-sotaquização.

*
* *

Sūtra 3.2 *Taxionomia* é a classificação de palavras por sua realização interpretante.

Sūtra 3.2.1 *Emotivas* são palavras cujo modo de apresentação é a Primeiridade: qualidades de sensação.

Sūtra 3.2.2 *Denotativas* são palavras cujo modo de ser é a Secundidade: ocorrências ou acidentes da enunciação.

Sūtra 3.2.3 *Ideativas* são palavras cuja conformação é a Terceiridade: hábitos de nomeação, subdivisíveis em abstrativos, concretivos e coletivos.

*
* *

Sūtra 3.3 *Ideosopia* é o estudo das relações interpretantes entre as palavras.

Sūtra 3.3.1 *Paronomásia* é a relação por similaridade signica.

Sūtra 3.3.2 *Antonomásia* é a relação por continuidade objetiva.

Sūtra 3.3.3 *Sinonímia* é a relação por convencionalidade interpretante.

*
* *